

RUBEM ALVES, UMA TRAJETÓRIA DE GESTOS POÉTICOS

Anaxsuell Fernando da Silva³
anaxsfernando@yahoo.com.br

RESUMO

Este texto aborda a nossa investigação sobre a trajetória de Rubem Alves (1933 -), teólogo, escritor e educador brasileiro. Nela buscamos evidenciar, com auxílio teórico-metodológico e epistemológico das Ciências Sociais e de modo especial da Antropologia, as “tramas afetivas” que permitem a emergência de três dimensões fundamentais da sua vida e obra: teologia, ciência e arte. Interessa-nos além da sua imensa produção bibliográfica, a relação dessas com sua vida. O objetivo é compor sua trajetória de vida a partir, tanto da sua própria narrativa, presente em seus relatos pessoais fragmentados na sua vasta obra, quanto por meio de documentos obtidos em pesquisas de campo relativos ao seu exercício profissional docente e religioso pastoral, além de considerar posições de personagens que conviveram com ele ao longo desse itinerário. Este trabalho é, pois, parte da tentativa de etnografar, isto é, tecer, um conjunto de "gestos poéticos" articulando-os com relatos históricos e afetivos acerca do pesquisado. Compreendemos, assim como Paul Ricoeur que o imaginário representa ponto nodal para a construção da história, pois para relacionar o tempo vivido ao tempo do mundo seria necessário construir conectores para manejar essa relação. Aos conectores seria assegurada a virtude de tornarem o tempo legível aos olhos humanos, tal qual faz o calendário. Nesse sentido, história e ficção, ambas matrizes de pensamento recorrem às mediações imaginárias na refiguração do tempo, o que justifica, por exemplo, os empréstimos tomados da literatura pela história, quanto aos modos de discurso que apresentam.

Palavras-chave: Rubem Alves; Trajetória; Biografia; Etnografia da experiência

³ Doutorando em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
Graduado e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do RN.

“A sugestão que nos vem da Psicanálise é de que o homem faz cultura a fim de criar os objetos do seu desejo. O projeto inconsciente do ego, não importa o seu tempo e o seu lugar é encontrar um mundo que possa ser amado”

O que é religião? *Rubem Alves*

1 INTRODUÇÃO

A trajetória de Rubem Alves tem norteado minhas buscas na pesquisa de doutoramento. Este texto trata, portanto, de considerações iniciais acerca da difícil tentativa de compor o itinerário deste escritor brasileiro. O objetivo é compor sua trajetória de vida a partir, tanto da sua própria narrativa, presente em seus relatos pessoais fragmentados na sua vasta obra, quanto por meio de documentos obtidos em pesquisas de campo relativos ao seu exercício profissional docente e religioso pastoral, além de considerar posições de personagens que conviveram com ele ao longo desse itinerário. E, a partir deste “campo” etnografar, isto é, tecer, um conjunto de “gestos poéticos” articulando-os aos relatos históricos e afetivos acerca do pesquisado.

Compreendemos, assim como Paul Ricoeur que o imaginário representa um ponto nodal para a construção da história, pois para relacionar o tempo vivido ao tempo do mundo seria necessário construir conectores para manejar essa relação. Aos conectores seria assegurada a virtude de tornarem o tempo legível aos olhos humanos, tal qual faz o calendário. Nesse sentido, história e ficção, ambas matrizes de pensamento, recorrem às mediações imaginárias na refiguração do tempo, o que justifica, por exemplo, os empréstimos tomados da literatura pela história, quanto aos modos de discurso que apresentam.

2 UM POUCO DO RUBEM ALVES

Rubem Alves é um dos mais instigantes pensadores da atualidade, com inserção e respeito em esferas distintas: teologia, educação, psicanálise, filosofia, estudos do fenômeno religioso, literatura (adulta e infantil), crônicas do cotidiano entre outras. Seus livros têm sido traduzidos em diferentes línguas e

seu pensamento é alvo de estudo de pesquisadores no mundo inteiro e mais recentemente, no Brasil.

Ele nasceu em 15 de Setembro de 1933, no Sul de Minas Gerais, em Boa Esperança que naquela época era chamada Dores da Boa Esperança. Depois “pingou várias cidades pequenas” (ALVES, 1981, 134). Aos 12 anos mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro. De lá foi para Campinas/SP, onde estudou teologia de 1953 – 1957 no Seminário Presbiteriano. Também estudou música e “quis ser médico por amor a Albert Schweitzer” (ALVES, 1981, 134).

Concluiu o curso teológico e foi convidado, em 1958, a pastorear uma comunidade em Lavras/MG. Lá permaneceu até 1964. Sobre esta experiência Alves afirma: “convivi com o povo, deixei os livros, sem remorsos, para viver dores e alegrias de outros” e acrescenta “Assim vivem os pastores protestantes e, imagino, sacerdotes católicos” (ALVES, 1981, 134).

Foi estudar na cidade de *New York* em 1963, retornando ao Brasil em maio do ano seguinte com o título de Mestre em Teologia pelo *Union Theological Seminary*. Surpreendido com a denúncia de ser subversivo por parte das autoridades da comunidade a qual pertencia, a Igreja Presbiteriana, foi perseguido pelo regime militar em 1968. Deste modo, abandona a instituição e retorna com a família para os Estados Unidos, fugindo das ameaças. Este cenário impulsiona-o a adentrar à carreira acadêmica, tornando-se doutor em Filosofia (Ph.D.) pelo *Princeton Theological Seminary*.

Sua tese de doutorado intitulada *A Theology of human Hope* foi defendida em 1968 e publicada no ano seguinte pela editora católica *Corpus Books*, composta de três volumes em língua inglesa. Nela o pastor presbiteriano Rubem Alves trabalhava em meio a um cenário de final de década que, marcou o surgimento de uma nova forma de pensar a fé cristã na América Latina, de modo especial no campo protestante. Iniciava, assim, um itinerário teológico que continua até hoje, mesmo sendo o precursor e um dos fundadores afasta-se da teologia da libertação, realizando incursões temáticas aparentemente pouco relacionadas à teologia – como a crítica da ciência e da religião, o jogo, o corpo e a cultura. Deste modo, antecipara o tratamento de muitos assuntos que, posteriormente, seriam cuidadosamente retomados e discutidos.

Harvey Cox, Teólogo, um dos mais respeitados intelectuais americanos, com vários livros publicados no Brasil, prefacia com incomum entusiasmo o livro que resultou do doutoramento de Rubem Alves. Citamos:

Prestem atenção vocês, ideólogos e teóricos do mundo rico, dito desenvolvido. O “Terceiro Mundo”, de pobreza, fome e impotência impostas – e crescente indignação, encontrou uma voz teológica que se ouve como sino. Rubem Alves, um protestante brasileiro, e um brilhante e cortante intelectual latino-americano, fala com uma autoridade que não pode ser ignorada. Alves acrescentou aos nossos esforços de fazer uma teologia da revolução algo que talvez somente um latino americano poderia: uma generosa porção de pura felicidade. A sua teologia revolucionária é escrita para ser tocada e não somente vivace, mas com brio. Alves não se satisfaz em simplesmente falar sobre a esperança humana. Ele a acende e alimenta. (Cox *apud* Gomide, 2004, p. 18).

A Teologia da Esperança Humana, traduzido para o francês, espanhol, italiano e português trata, essencialmente, de uma interpretação bíblica a partir das necessidades mais íntimas da condição humana. É um dos primeiros livros a elaborar implicações da fé bíblica da perspectiva da luta dos oprimidos por sua emancipação.

A teologia da libertação não pode contentar-se com um transcendente para além do mundo, para além da vida. O Evangelho, não é ele as boas-novas da encarnação? A vida de Cristo, não é ela o testemunho da solidariedade de Deus com os homens? Não se trata de uma redução sociológica da fé. O que se afirma é que a transcendência se revela de forma concreta, tanto nos gemidos pela liberdade como na luta contra tudo aquilo que oprime o homem (ALVES, 1984, p. 16).

De volta ao Brasil, por indicação do renomado economista prof. Paul Singer, é contratado para dar aulas de filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (SP). Em 1971, é convidado pela instituição onde estudara a *Union Theological Seminary*, para atuar como professor visitante. Dois anos depois, transfere-se para a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e passa a ocupar o cargo de professor adjunto na Faculdade de Educação. Um ano mais tarde, é nomeado professor titular de

Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e, em 1979, professor-livre docente na mesma instituição.

Em 1970, um ano anterior ao seu ingresso na UNICAMP, ocorreu o rompimento de Alves com a Igreja Presbiteriana. Ele não se sentia parte da instituição que o havia negado. Em entrevista ele afirma:

Aí eu voltei para o Brasil com meu doutoramento, e a igreja nem queria saber de mim. Eu morei três anos ali, encostado ao seminário e nunca me convidaram nem para dar graças na hora da comida. Eu nunca entrei no seminário, e aí no dia 15 de setembro de 1970 eu resolvi me demitir da igreja. O que é que eu estou fazendo aqui? Eles não me querem? Por que então vou ficar insistindo? Me demiti. Até hoje não recebi a carta de resposta da minha demissão (Alves *apud* Gomide, *id*, p. 116).

No início da década de 1980, torna-se psicanalista pela Sociedade Paulista de Psicanálise. Alves, afirma ser um psicanalista heterodoxo, pois nela encontra suporte para sua principal crença: “no mais profundo do inconsciente mora a beleza” (ALVES, 2007, p. 35).

Ainda na UNICAMP, foi eleito representante dos professores titulares junto ao Conselho Universitário, no período de 1980 a 1985, posteriormente diretor da Assessoria de Relações Institucionais de 1985 a 1988 e diretor da Assessoria Especial para assuntos de Ensino de 1983 a 1985. Vale dizer que o Prof. Rubem Alves foi convidado pela *Nobel Foundation* e proferiu a conferência *The Quest for Peace*.

A sua adaptação ao *modus vivendi* da academia foi difícil. Segundo Alves, sua pessoa ali já era amaldiçoada, porquanto, além de carregar uma tradição teológica, havia estudado nos Estados Unidos. Isto criava certos estigmas. A tradição francesa de filosofia era cortejada, além de grupos de tradição marxista com os quais Alves também não tinha identificação.

Ao que parece, o problema de Rubem Alves era com os marxistas, não com Marx, a quem aprendeu a admirar e com o qual, tem alguma identificação. Ao ingressar no IFCH, se sentiu rotulado:

Todos eram marxistas, ortodoxamente marxistas, religiosamente marxistas. Mas eu não era marxista, embora achasse Marx delicioso. Acontece que o Marx que eu gostava não era o cientista, era o Marx jovem. Fui marginalizado. Não

fiz amigos. Não fui respeitado como intelectual. (DIMENSTEIN, ALVES, 2003, p. 36)

Foi também professor-visitante na Universidade de Birmingham, Inglaterra, em 1988. Posteriormente, a convite da *Rockefeller Foundation*, fez "residência" no *Bellagio Study Center*, Itália.

Raquel, sua terceira filha (1975), foi inspiradora na criação de seus contos e histórias infantis⁴. Além dela, teve ainda dois outros filhos, Sérgio (1959) e Marcos (1962), frutos do seu casamento em 1957. Isto vai se refletir naquilo que pensava e escrevia:

A universidade me amedrontava de modo que a minha produção era uma produção muito tímida, eu tinha medo de dizer certas coisas, dos cobrinhas da Universidade. Até que uma coisa aconteceu na minha vida, que foi o nascimento da minha filha Raquel, ela nasceu com um defeito facial, isso foi uma experiência muito forte pra mim. Hoje ela está ótima, mas quando ela nasceu foi um golpe muito forte e aí repentinamente minha vida e tudo que o que eu fazia perdeu sentido, a única coisa que teve importância na vida foi aquela menininha que precisava consertar o rosto e era um negócio que iria levar 17 anos. Ali eu comecei a me dar conta de que tudo o que eu fazia na Universidade não estava relacionado na minha vida e naquele dia, no hospital, resolvi que dali para adiante eu só diria e escreveria aquelas coisas do meu jeito e das quais eu estivesse absolutamente convencido. Eu diria a minha verdade, não vou citar Marx, Hegel, não quero saber, se gostar, gostou; se não gostar, não gostou. Foi então que comecei a escrever com um estilo diferente. (NUNES, 2002, p.212).

A filha, desde cedo, teve de passar por cirurgias, o que representava sempre um grande sofrimento para ela e para seus pais. Alves querendo ajudar no sofrimento da filha passou a escrever-lhe e a contar-lhe histórias. Assim, surgiu a *Operação Lili*. Quando Raquel tinha cinco anos de idade, Alves precisou se ausentar do Brasil, a filha não gostaria que ele viajasse, com base nesse episódio ele escreve *A menina e o pássaro encantado*, que hoje encontra-se traduzido em vários idiomas. Nele Rubem conta a história de um pássaro que percorria o mundo a voar e, todas as vezes que encontrava com a menina trazia para ela novidades dos lugares nos quais havia passado. Certo

⁴ Trazemos, junto às referências bibliográficas, uma levantamento preliminar das obras literárias escritas por Rubem Alves.

dia, a menina o tornou prisioneiro para que ele ficasse sempre perto dela, mas, aos poucos, o pássaro foi ficando feio, e, sem vida não cantava mais. A menina resolve então soltá-lo e correr o risco de perdê-lo.

Esta trajetória pareceu-nos apontar para uma disputa de campos, uma tripolaridade, existente entre religião, arte e ciência. Um pastor, que deixa de militar na esfera religiosa e passa a defender seu ponto de vista na esfera acadêmica, acreditando que ali encontraria maior liberdade de expressão, entretanto, posteriormente vê-se novamente “preso numa gaiola de palavras”, parte para a literatura, pois imagina ser este o espaço onde seria possível transgredir e alçar vôos mais altos. E esta foi a razão principal de debruçar-se na composição desta trajetória.

Ao traçar itinerário (ou itinerários?) do pensamento intelectual, teológico (religioso) e espiritual (poético-literário) de Rubem Alves, da forma como aparece em seus livros, da maneira como se configura em sua existência pessoal, acreditamos ser possível – e este é nosso desejo de discutir amplamente as similitudes, distinções, aproximações que ocorrem entre arte, religião e ciência, a partir de sua produção intelectual.

3 DESAFIOS DA PESQUISA

Devido à relevância do seu pensamento para o âmbito eclesiástico, as poucas pesquisas desenvolvidas a respeito da obra de Rubem Alves, de uma forma geral, estão relacionadas ao seu pensamento religioso. Elas iniciaram-se no exterior (de modo especial nos EUA) através de instituições clericais, vinculadas às igrejas, focalizando principalmente as temáticas religiosas. No Brasil, tais pesquisas têm continuidade, entretanto, o foco principal tem sido acerca da sua concepção de educação ou da sua teologia⁵.

Em publicação, organizada por Antônio Vidal Nunes (2007), 14 autores, intelectuais das mais distintas áreas falam da influência do pensamento de Rubem Alves. Nesta, eles avaliam o impacto do seu humanismo religioso, educacional e poético em nossa sociedade.

⁵ Em levantamento de dados prévio para a feitura do projeto de pesquisa encontramos 16 trabalhos entre monografias, dissertações e teses. A maioria, 14 destes tem como foco principal os temas mencionados, os outros 2 tratam de questões vinculadas a arte, de modo específico, no âmbito da educação musical

O mesmo Antônio Vidal Nunes (2001) realizara antes, em tese de doutoramento, um estudo dos pressupostos filosóficos e pedagógicos de Rubem Alves, acompanhado de um detalhado mosaico das investigações realizadas sobre o pensamento alvesiano no Brasil e no exterior. Sobre seu pensamento religioso, Nunes afirma:

Sua construção teórica inicial serviu de base para jovens teólogos e filósofos sensíveis ao sofrimento do povo latino-americano. Assim, Alves torna-se uma referência obrigatória, sobretudo no universo do pensamento protestante. É nesse contexto, por exemplo, que em 1974 Glen B. Peterson, realiza na *Mc Gill University, na Faculty Religion Study*, em estudo comparativo da utopia em Rubem Alves e Ernest Bloch. (NUNES, p. 58).

No estudo comparativo, Peterson (NUNES, 2001) estabeleceu as relações de utopia de Rubem Alves com a de Ernest Bloch, observando que ambas surgiram em contexto de dor e sofrimento. O socialista alemão Bloch conheceu os sofrimentos decorrentes das duas Guerras Mundiais e o pesadelo da Guerra Fria, enquanto que Rubem Alves conheceu as pesadas mãos da ditadura e a miséria dos oprimidos do terceiro mundo. A partir desta vivência dentro desses contextos inumanos, a utopia de ambos aspira apontar caminhos àqueles que vivem oprimidos pelas estruturas injustas, contudo distinguindo-se no referencial: “Enquanto Bloch parte de humanismo filosófico marxista, Alves vai estabelecer categorias conceituais para a sua utopia a partir da experiência do povo hebreu, no êxodo”. (NUNES, 2001, p. 59).

Três autores assumidamente marcam de forma significativa a vida intelectual e, por conseguinte, a produção bibliográfica de Rubem Alves, são eles: Gaston Bachelard, Fernando Pessoa e Friedrich Nietzsche.

Gaston Bachelard (1884 – 1962) é o único escritor que Rubem Alves gostaria de ser se não fosse ele mesmo. “Bachelard é o escritor que eu invejo de verdade”, disse ele (CERVANTES-ORTIZ, 2005). Este autor francês dedicou-se a discussões filosóficas, epistemológicas, bem como escreveu vários livros nos quais se dedica ao **devaneio poético**. A idéia de imaginação, desenvolvida por Bachelard, está presente em toda literatura alvesiana como fator determinante para o conhecimento. Alves mesmo se define: “Não penso a partir de conceitos. Penso a partir de imagens. Meu pensamento se nutre do

sensual. Preciso ver. Imagens são brinquedos dos sentidos. Com imagens eu construo estórias” (ALVES, 2003, p. 81).

A Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa (1888 – 1935), Rubem Alves sempre refere-se como “mestre”. Provavelmente tenha retirado deste a idéia de educação pelos sentidos. Uma tentativa de perceber o entorno em que se vive não apenas com a racionalidade, mas com o corpo. Caeiro apresenta-se como o poeta sensível, sua produção poética assenta-se em substituir o pensamento pela sensação. A impossibilidade de aprisionar Deus é uma imagem recorrente em seus poemas (SILVA, 2008). Tal temática está presente nas discussões alvesianas (ALVES, 2005).

A filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900) é retomada e reavaliada na reflexão alvesiana para uma crítica radical dos conceitos e valores da cultura da sociedade contemporânea, centrando essa crítica especificamente no iluminismo racionalista. A crítica da filosofia *nietzschiana* à concepção iluminista da subjetividade acaba por propor a revisão de todos os valores em que se trama a cultura humana, de modo que as forças intuitivas passem a ocupar lugar mais substantivo na configuração da existência.

Em 1987, o Instituto Superior de Estudo da Religião (ISER), entidade da qual Alves foi fundador e presidente, lançou o livro *Sobre deuses e caquis. Teologia, política e poesia em Rubem Alves*, sobre o prefácio que Alves fez ao seu livro *Da Esperança*, após 20 anos de seu lançamento nos Estados Unidos. Nesse prefácio Alves fala da sua experiência e do seu sofrimento de perseguição e de exílio, bem como das transformações que ocorreram em sua trajetória.

Comentadores apressam-se em delimitar fases, na tentativa de apontar passagens, movimentos e alterações, assim propõem uma distinção para os vários momentos do labor reflexivo de Rubem Alves. Parece fazer parte da compreensão da maioria a idéia de que o pensamento alvesiano sofreu metamorfoses ao longo das tramas vividas do pensador mineiro. Dentre elas, destacamos a caracterização feita por Nunes. Este distingue três momentos importantes.

A primeira fase, que eu denominei de *teológico-pastoral*, vincula-se a do jovem teólogo recém-formado no Seminário

Presbiteriano de Campinas. Nesse momento, a revelação era referência central, ainda que ela se apoiasse na contribuição das ciências humanas e, sobretudo dos pensadores do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) para o seu labor teológico. A segunda fase, eu chamei de *filosófico-poética*: iniciou no exílio após 1964 e se estendeu até meados da década de 1980. (...) Por último temos o momento *poético-filosófico* em que Alves, radicalizando sua reflexão, motivados por certos fatos da sua história pessoal e abandonando a linguagem científica e acadêmica virou poeta e místico. (NUNES, 2001,).

Leopoldo Cervantes-Ortiz (2005) considerado por Rubem Alves um dos maiores intérpretes do seu pensamento religioso em pesquisa de mestrado, evidencia a trajetória teológica, intelectual e espiritual de Alves e mostra a via alternativa aberta por Alves no pensamento teológico latino-americano que ficou conhecida por teologia da libertação. O autor percorre o caminho reflexivo de Alves enfatizando as várias rupturas que ocorreram em sua reflexão até chegar a uma teologia poética. “Parte do momento de ruptura com a teologia tradicional, passando pelo momento da constituição da Teologia da Libertação e depois a ruptura com uma certa tendência desta, até a construção da teologia a partir do lúdico, do erótico e do poético” (CERVANTES-ORTIZ, 2005., p. 75).

Dentro desta última fase, Rubem Alves lança um dos seus mais recentes livros *Perguntaram-me se acredito em Deus* (2007), neste, ele retoma a discussão sobre religião iniciada em *O que é religião?* (1981) onde faz uma análise filosófico-sociológica da religião e continuada em outras obras como em *Suspiro dos Oprimidos* (1999) quando faz uma minuciosa análise metodológica das abordagens empreendidas no estudo do fenômeno religioso desde os clássicos até o momento. Seu último livro parece ser uma materialização do que ele antes anunciara: “Não escrevo teologia. Como poderia escrever sobre Deus? O que faço é tentar pintar com palavras as minhas fantasias – imagens modeladas pelo desejo – diante do assombro que é a vida”. (ALVES, 2005).

Noutra reflexão acerca do fenômeno religioso *O enigma da Religião* (1985), Alves incluiu uma série de testemunhos autobiográficos que iniciara (conscientemente ou não), estes constituem valiosa fonte de estudo porque são cruzamentos entre seu pensamento filosófico, teológico, sua biografia e história. Disto decorre que ele mesmo proponha esse gênero de confissões teológico-biográfico-histórica como um autêntico *tour de force* na busca de

suas experiências e intuições. Dado que o texto faz alusão explícita à psicanálise, é possível inferir que estas primeiras confissões têm o caráter de auto-exame, de um aprofundamento interior muito próximo a essa forma de terapia. O trecho a seguir ilustra bem esta assertiva:

O fundamentalista é alguém que já chegou tão bem descrito por Nietzsche como o inimigo do futuro, porque ele já sabe o que é o bom e o bem. Emocionalmente isto é muito funcional. Sob esta perspectiva a religião nos dá certezas. E para quem quer que tenha encontrado esta religião o caminho natural é seguir e tornar-se num apóstolo da sua verdade. Assim fui para o seminário. (ALVES, 1985, p. 118).

A literatura é uma instituição em que a transgressão, impossível fora dela, torna-se possível. Ela, por exemplo, absorve e expressa as condições do contexto em que é produzida, e está sujeita às variações ou mudanças que nele ocorrem. Antônio Cândido (1965) sempre põe em relevo os elementos que "circulam no subsolo dos textos" como reminiscências de leituras e dados que fazem parte do patrimônio mental do escritor. Assim sendo, a expressão do pensamento religioso, científico e artístico-literário nos textos de Rubem Alves, bem como as relações destes com e na sociedade, oferecem um caminho convidativo à pesquisa.

Acreditamos que o itinerário traçado por Rubem Alves possibilita uma profunda discussão acerca das aproximações, similitudes, disjunções e diferenciações. E, acreditamos ser esta reflexão um dos aspectos distintivos da nossa proposta de pesquisa, já que elas acontecem na história de vida e ganham forma nas narrativas literárias do autor em questão.

(In)Conclusões: E agora, como fazer?

Obviamente, a metodologia não é algo abstrato, mas tem afinidades (eletivas) com a proposta de trabalho. Em grego *hódos* – do método – é caminho. Cabe-nos então neste item, explicitar o caminho da nossa pesquisa. Empreenderemos configurar uma trajetória da vida de Rubem Alves, para tanto, contamos com o próprio Rubem Alves, por meio de contatos e

entrevistas abertas. E, é exatamente neste momento que, o caminho, isto é, o método, pode ser enunciado. O que resulta de uma entrevista aberta é da ordem do imponderável, pois se trata do “encontro de duas psiques” (MARONI, 2007), do pesquisador e do pesquisado, e, então neste instante, eclode um novo mundo, abrem-se novas possibilidades.

Benjamim (1994) faz uma definição acerca da faculdade da memória, originada da *Mnemósine*, que sofreu uma espécie de cisão com o declínio do épico e a ascensão do romance. Se na narração o poder da memória está no campo das reminiscências que são justapostas como um todo unificado, no romance estamos no âmbito das recordações. A primeira é coletiva e efêmera e narra episódios de uma aventura e um herói, e a segunda é eternizante e individual (do romancista), narrando muitos eventos difusos.

Propomos o estudo da trajetória de Rubem Alves, e nesta trajetória trazer à tona as “tramas afetivas” que permitiram a emergência de três momentos fundamentais da sua obra teórica: a teologia, a ciência e a arte. A obra alvesiana é imensa e, não é nossa intenção a própria obra em si, mas a relação entre a vida do autor e a eclosão de novas possibilidades: teológicas, científicas e artísticas. Isso obviamente também nos remeterá à obra, a leitura da obra. Contudo, a nossa perspectiva é o entrelaçamento entre a vida pessoal – o que anteriormente chamei de “tramas afetivas” - e a obra, nas três configurações antes citada. Mais adiante, no item que segue a este, explicitaremos a metodologia.

Daremos ainda um passo adiante e, uma vez recuperadas as “tramas afetivas” neste caminhar, acompanharemos junto com o autor, e através das suas obras o seu processo de criação. Nesse passo da pesquisa já não nos interessamos pelas configurações disciplinares – teologia (religião), ciência e arte –, e aos contornos rígidos em que tais disciplinas existem, mas voltamos para o próprio “processo criativo” de Rubem Alves. Tentaremos descrever fenomenologicamente esse processo criativo: uma espécie de acolhimento de pepitas de ouro, que lhes chegam não sabemos de onde, mas perceptivamente, fruto da sua desconstrução do mundo representacional.

Se, como nos advertiu Johanes Fabian, que ao debruçar-se numa pesquisa acerca das narrativas de viagens científicas no mundo colonial (Séc. XX) constatou que todo conhecimento é um re-conhecimento, assim, seria preciso considerar o gênero narrativo como um mecanismo que cria o sentido da experiência pela “estória” partilhando-a com o leitor devido sua universalidade. Essa experiência pode ser tanto sensível como intelectual (THROOP, 2003) e é de grande importância para os relatos antropológicos objetivando-se que a imaginação (sensível ou intelectual) avance além da perspectiva sensorial, provocando o alargamento do mundo.



REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **A festa de Maria**. Campinas: Papyrus, 1996.
- ALVES, Rubem. **Creio na ressurreição do corpo**. São Paulo: Paulus, 1984. 5ª Ed.
- ALVES, Rubem. **Da esperança**. Campinas: Papyrus, 1987a.
- ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Loyola, 2004.
- ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: uma introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 13ª Ed.
- ALVES, Rubem. **O que é Religião?**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ALVES, Rubem. **Lições de Feitiçaria: meditações sobre a poesia**. São Paulo: Loyola, 2003.
- ALVES, Rubem. **O suspiro dos oprimidos**. São Paulo: Paulus, 1999.
- ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas: Papyrus, 1988. 5ª Ed.
- ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Loyola, 2005.
- ALVES, Rubem. **Perguntaram-me se acredito em Deus**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- ALVES, Rubem. **Variações sobre a vida e sobre a morte**. São Paulo: Paulus, 1985.
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1980.
- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1984.
- ALVES, Rubem. **Tempus Fugit**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- ALVES, Rubem. **Teologia do Cotidiano**. Meditações sobre o momento e a eternidade. São Paulo: Olho d'água, 1991.
- ALVES, Rubem. **O retorno e terno**. Campinas: Papyrus, 1992.
- ALVES, Rubem. **Sobre o tempo e a eterna Idade**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ALVES, Rubem. **O quarto do mistério**. Campinas: Papyrus, 1995.
- ALVES, Rubem. **Mahatma Gandhi: a política dos gestos poéticos**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ALVES, Rubem. **Concerto sobre o corpo e a alma**. Campinas: Papirus, 1998.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 1999.

ALVES, Rubem. **Mosaicos de pensamentos: Amor – Morte - Espiritualidade**. Campinas: Papirus, 2000.

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2001.

ALVES, Rubem. **As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer**. Campinas: Papirus, 2001.

ALVES, Rubem. **Transparências da eternidade**. Campinas: Verus, 2002.

ALVES, Rubem. **O poema nosso de cada dia**. Campinas: Papirus, 2002.

ALVES, Rubem. **Mansamente pastam as ovelhas**. Campinas: Papirus, 2002.

ALVES, Rubem; DIMENSTEIN, Gilberto. **Fomos maus alunos**. Campinas: Papirus, 2003.

ALVES, Rubem. **Quarto de Badulaques**. São Paulo: Parábola, 2003.

ALVES, Rubem. **O infinito na palma da sua mão**. Campinas: Verus, 2007.

ALVES, Rubem. **O mundo num grão de areia**. Campinas: Verus, 2002.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES SOBRE RUBEM ALVES

ALMEIDA, Saulo Marcos de. **O pensamento teológico de Rubem Alves. Reflexões sobre o papel da linguagem e da corporeidade**. (Dissertação de Mestrado). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 1998.

BATISTA, Raquel Barbosa Mantovani. **Redescobrimo o Sentido da Vida sob a perspectiva da arte**. Variações de um tema: Rubem Alves. (Monografia). Rio de Janeiro: Conservatório Brasileiro de Música, 1997.

CERVANTES-ORTIZ, **Rubem Alves y La teología latino americana**. (Dissertação de Mestrado). Coordinacion y Difusion di Estudios Latinoamericanos. México: Universidad Nacional Autónoma Del México, 2005.

COSTA, Ruy Otávio. **Self-critical Theology: Parallels and affinities between the Frankfurdt Schol of critical Theology and public theology of Rubem Alves**. Havard Divinity School. 1984

COSTA, Ruy Otávio. **Toward a Latin American Protestant ethic of liberation: A comparative study of the writings of Rubem Alves and José Miguez Bonino from the perspective of the sources and substance of their social ethics.** (Tese de Doutorado). Boston: Universidade de Boston.

DAMIANO, Gilberto Aparecido. **O mestre do jogo: Rubem Alves.** (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1986.

FRANCO, Sérgio Gouvea. The concepts of liberation and religion in the work of Rubem Alves. (Dissertação Mestrado). Vancouver: Rt. College, 1987.

GOMIDE, Denise Camargo. **Rubem Alves e o pensamento educacional-liberal: aproximações.** Campinas, Unicamp. Dissertação de Mestrado, 2004.

MARIANI, Ceci Maria Costa Baptista. **A espiritualidade como experiência do corpo.** São Paulo: Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 1997.

NUNES, Antonio Vidal. **Rubem Alves e a Educação dos Sentidos: um estudo dos seus pressupostos filosóficos e pedagógicos.** (Tese de Doutorado). São Paulo: Faculdade de Educação-USP, 2001.

PETERSON, Glen B. **Paradigms of hope: a comparison of Ernest Bloch and Rubem Alves.** (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Estudos Religiosos, Universidade Mc Gill, 1974.

HOMERO, Reis. **Saber e Sabor: a educação na perspectiva do saber.** (Dissertação de Mestrado). Educação. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2000.

RODRIGUES, Mauri. **Rubem Alves: a pedagogia do afeto.** (Monografia de especialização). Vitória: Instituto de Educação Nelson Abel de Almeida, 1997.

SOUZA, Juliana de. **Fantasia e realidade: O olhar sobre o diferente.** (Monografia). Itatiba: Faculdade São Francisco, 1997.

DEMAIS OBRAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção "Os Pensadores").

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar.** São Paulo: Difel, 1985.

BAUER, Martin W. *Análise de Conteúdo.* In: BAUER & GASKELL (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário.** Editorial Presença, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo, Ed. Nacional, 1965.

CERVANTES-ORTIZ, **A teologia de Rubem Alves**: poesia, brincadeira e erotismo. Tradução Eleonora Frenkel Barreto. Campinas: Papyrus, 2005.

DANTAS, Marta Pragana. **O que pode a sociologia da literatura pela literatura?** CAOS. João Pessoa, n 2, Nov. de 2000.

DALBERIO, Osvaldo. **Prazer versus disciplina?: um estudo sobre propostas pedagógicas contemporâneas**. (Dissertação de Mestrado). Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, 1990.

ECO, Humberto. **Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporânea**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

JOSSO, M. - C. **Experiência de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARONI, Amnérís. **Jung, o poeta da alma**. São Paulo: Summus, 1998.

MARTINS, Celso J. **O intervir das águas: A presença do outro na construção do discurso lítero-pedagógico de Rubem Alves**. (Dissertação de Mestrado). Letras. Universidade Estadual de Maringá. 2005.

NOVAES, Adauto. **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

PESSOA, Fernando. **Obra em Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. 4ª Ed.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

SAFRA, Gilberto. **Rubem Alves: o retorno à sabedoria originária**. Aula ministrada em 07/07/2003. Disponível em DVD. São Paulo: Edições Sobornost.